



Público

03-10-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 621

Imagem: S/Cor

Página (s): 50

Pequeno Dicionário Autárquico

Francisco Assis

A leitura das eleições autárquicas de domingo, vencedores e derrotados e Rui Rio

Alberto João Jardim - A constatação de uma evidência: o ciclo político em que foi a figura central e quase exclusiva da vida madeirense chegou ao fim. A derrota do PSD na Câmara do Funchal constitui um verdadeiro epitáfio fúnebre. Não se sabe o que aí vem, mas sabe-se que o que virá já não trará Jardim consigo.

António Costa - Aquele que é hoje um dos mais prestigiados e populares políticos portugueses alcançou em Lisboa uma vitória histórica, pela sua dimensão, e dotada de vasto alcance prospectivo, pela sua natureza. Costa soube construir um projecto sólido e amplamente agregador partindo do centro-esquerda, recusando o sectarismo ideológico e integrando múltiplos sectores e movimentos culturais e sociais. O seu sucesso transporta consigo uma demonstração: a de que o PS pode aspirar à maioria absoluta desde que consiga articular inteligência política, imaginação programática e capacidade de abertura à sociedade. Na hora da vitória, proferiu um discurso lúcido e foi, talvez, o único homem de partido que revelou uma compreensão instantânea da importância de um novo fenómeno na vida política portuguesa: a afirmação vitoriosa de alguns movimentos independentes no plano autárquico. Se quiser, será, provavelmente, o próximo Presidente da República. Se não quiser, será, com o talento de sempre, aquilo que as suas ambições e circunstâncias lhe permitirem vir a ser. Com a garantia de que fará o que quer que seja no futuro com o brilhantismo com que fez tudo no passado.

António José Seguro - Submeteu-se ao primeiro teste eleitoral como secretário-geral do PS e passou com a distinção suficiente para não ver a sua liderança ameaçada. Seguro saiu claramente reforçado desta contenda, já que o PS alcançou uma vitória indiscutível, quer em número de votos, quer em número de presidências de câmaras. Ao longo da campanha eleitoral, agiu com uma energia inesgotável e com um sentido de solidariedade irrepreensível. Foi a sítios onde alguns talvez não se lembrassem de ir e esteve presente em locais onde outros, porventura, não usariam entrar. Nisso revelou a grandeza de um general que não abandona os seus soldados, sobretudo quando sabe que eles estão feridos de



morte. O seu discurso político está mais incisivo e, por isso mesmo, parece estar mais apelativo.

Basilio Horta - Ganhou uma das principais autarquias portuguesas e proferiu o mais denso discurso programático da noite. Em poucos minutos, enunciou, com uma impressionante clareza cartesiana, o projecto político que norteará a sua acção em Sintra. Ou muito me enganou ou vai ser um dos melhores presidentes



Ao longo da campanha eleitoral, Seguro agiu com uma energia inesgotável e com um sentido de solidariedade irrepreensível



de câmara do país nos próximos anos. Estou certo de que não me engano.

Bernardino Soares - Obteve em Loures uma das mais significativas vitórias da noite autárquica. Tal ficou a dever-se às suas qualidades, ao seu prestígio e à tendência geral para o crescimento do voto na CDU. O Parlamento perde um dos seus melhores deputados.

Luís Filipe Menezes - A política é sobretudo uma questão de tempo, lugar e modo. Menezes perdeu por uma razão muito simples - era o

homem errado, com o estilo errado, na hora errada e no sítio errado. Reside aí a razão do seu infortúnio. Foi vítima dos discursos cruzados de Rui Rio e de Pedro Passos Coelho. A demonização do investimento público que tem vindo a ser feita pelo actual Governo não poderia deixar de prejudicar as perspectivas eleitorais de um homem que tinha construído o seu prestígio autárquico com base numa vastíssima obra realizada em Vila Nova de Gaia. Menezes foi a primeira grande vítima desse tipo de discurso. Esta derrota não pode, contudo, obscurecer a brilhante carreira de um homem que se destacou pelo fulgor da imaginação e por uma inequívoca capacidade de realização prática.

Manuel Pizarro - Eis um caso de alguém que é muito melhor do que o resultado que obteve. A ausência de cobertura televisiva destas eleições autárquicas prejudicou-o fortemente. Escasseava-lhe notoriedade e, neste contexto, não conseguiu alcançá-la. Isso foi-lhe fatal. Revelou-se, contudo, inteligente, sensato e competente. Deve agora canalizar as suas energias políticas para o Porto, preocupando-se em afirmar uma oposição frontal, leal e apelativa.

Rui Moreira - Foi, sem sombra de dúvidas, o homem da noite. Ainda é prematuro afirmar que a sua vitória comporta um carácter fundacional e inaugura uma nova fase na vida política portuguesa. Apesar disso, não se pode ignorar a singularidade do seu sucesso. No discurso da consagração, disse uma coisa verdadeira e susceptível de explicar muita coisa: "Só no Porto se poderia assistir a um acontecimento desta natureza."

As cidades diferenciam-se, sobretudo, pela diversidade dos seus imaginários, mesmo quando não são muito diferentes as estruturas económicas e sociais em que assentam. Rui Moreira, esse filho da alta burguesia da Foz, com a imagem cuidada de homem empreendedor, de espírito aberto e cosmopolita, preenche todos os requisitos para encarnar o mito do Porto burguês, liberal, independente e aberto ao mundo. Raramente um homem se adequou tão perfeitamente a uma representação mental de uma cidade. Talvez isso não fosse suficiente para garantir o seu sucesso se não atravessássemos um período do marcado pela desconfiança dos cidadãos nos partidos e na generalidade dos agentes políticos. A vitória de Moreira contém em si mesma um curioso paradoxo: alicerçou-se numa revolta popular que conduziu à consagração eleitoral de um puro representante do mais refinado *establishment* económico e social. Aguarda-se com expectativa a sua actuação como presidente da câmara. Da campanha fica uma frase: "O meu partido é o Porto" - como *slogan*, a frase é boa; como ideia, é nula; como projecto, uma interrogação.

Rui Rio - Foi o ausente mais presente da noite eleitoral. Contribuiu decisivamente para a derrota do seu próprio partido no Porto. Só não é visto como um traidor porque ainda é esperado como um salvador. Sai da câmara com um enorme capital político, mas com alguma dificuldade em aplicá-lo. Pode vir a ser um bom candidato presidencial.

Deputado (PS). Escreve à quinta-feira